



## METODOLOGIA E POSSIBILIDADES: PERIÓDICOS MILITANTES COMO FONTE HISTÓRICA.

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4012

Jefferson da Silva Pereira, UEM  
Vitor de Oliveira Bordignon Valente, UEM

### Resumo

Nas últimas décadas os debates sobre a teoria e metodologia relativos ao uso da imprensa escrita como fonte e objeto para o ofício do historiador progrediram substancialmente dentro da historiografia. Desse modo, o objetivo desse artigo é realizar uma reflexão sobre do uso da imprensa escrita como fonte e objeto de pesquisa histórica na historiografia contemporânea. Pensado como um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, entendemos que os periódicos militantes representam um papel informativo e ao mesmo tempo estabelece relações e conexões com sujeitos, instituições e ideologias, de modo que as publicações apresentadas aos leitores explicitam um conjunto de interesses, tornando-se assim, um mecanismo que não é imparcial ou neutro dos acontecimentos. Nessa perspectiva, este texto pretende identificar e problematizar a relevância da imprensa escrita (militante) para o conhecimento histórico, partindo das seguintes questões: Quais são as suas possibilidades? Quais os seus limites? Quais os procedimentos teórico-metodológicos mais adequados? Como e onde o historiador pode chegar ao interpretar os eventos do passado por meio da imprensa escrita? Quais são os seus dilemas? Entre outros. Portanto, a partir dessas problemáticas, destacamos como essas questões são percebidas através da análise do jornal fascista britânico *Black Shirt* (1933-1939) e do periódico anarquista paulista *A Lanterna* (1910-1916).

Palavras Chave:

Periódicos; Fascismo;  
Anarquismo.

## Introdução

Nos últimos trinta anos, a historiografia contemporânea tem buscado com muita ênfase, estudar a imprensa escrita como objeto de pesquisa histórica. Visando reconstituir a história das lutas políticas e sociais, a imprensa escrita ganhou um grande destaque entre os períodos, uma vez que ela se propõe a produzir e disseminar perspectivas carregadas de ideologias de diversos setores sociais e projetos políticos (tanto de Direita quanto de Esquerda).

Com uma quantidade extensa de periódicos, que variam entre jornais locais, regionais, nacionais, especializados, militantes, alternativos ou de humor, os jornais como fonte e objeto para a pesquisa histórica tem contribuído para diversas possibilidades de estudos que podem ser explorados por meio de seus editoriais, colunas sociais, sessões econômicas, políticas, informativas, artigos, cartas dos leitores, crônicas, noticiários, dentre diversos outros campos que permitem ao historiador elaborar uma análise por um viés social, político, econômico e/ou cultural.

Nesse sentido, esse texto procura refletir sobre a relevância da imprensa escrita (militante) para o conhecimento histórico, partindo das seguintes questões: Quais são as suas possibilidades? Quais os seus limites? Quais os procedimentos teórico-metodológicos mais adequados? Como e onde o historiador pode chegar ao interpretar os eventos do passado por meio da imprensa escrita? Quais são os seus dilemas? Entre outros. Portanto, a partir dessas problemáticas, destacamos como essas questões são percebidas através da análise do jornal fascista britânico *Black Shirt* (1933-1939) e do periódico anarquista paulista *A Lanterna* (1910-1916).

## A Imprensa Escrita Como Objeto de Pesquisa Histórica

O uso da imprensa escrita como fonte para a História é recente. Ainda na década de 1970, existia uma relutância em escrever a história tendo os impressos como fontes, embora já houvesse um entendimento acerca de sua importância. Com a ampliação do campo de atuação do historiador, mediante o surgimento de novas temáticas e devido à alteração da concepção de documento histórico, passou-se a privilegiar outras fontes, dentre as quais se destacam: os jornais e os dados estatísticos. Assim, essa inovação, que começara com a Escola dos Annales, foi se expandido ao longo do século XX, em virtude das transformações teóricas que se processaram no campo do conhecimento histórico (LUCA, 2005 p.112).

Os Jornais do início do século XX se tornaram fontes riquíssimas para o estudo dos novos costumes e dos novos espaços de sociabilização, advindos com o incremento urbano do Brasil. Por meio dos anúncios publicitários, pode-se constatar dentre outras coisas, as influências francesas no modo de vestir e o próprio desenvolvimento urbano das cidades. Com a intenção de representar a sociedade na qual estão inseridos, os periódicos se tornaram fontes fundamentais para os estudos de temáticas diversas que tiveram grande visibilidade histórica graças à permanência de suas memórias nas páginas dos jornais, por exemplo: o processo de imigração no Brasil, ocorrido no final do século XIX e início do XX; o trabalho industrial e a própria história do movimento operários, que, na maioria das vezes, foi representada por uma pequena imprensa de militância (LUCA, 2005 p. 117).

A partir dos exemplos citados por Tânia Regina de Luca, percebe-se que a imprensa escrita possibilita uma espécie de retorno e reconstrução do passado. O

próprio ato de folhear um jornal de época pode parecer ter o efeito de criar um vínculo testemunhal ou vivencial com os acontecimentos ali narrados. Assim, mais do que a reconstrução do passado, a imprensa pode traduzir as novas ideias e hábitos gerados pelas transformações vivenciadas pelas populações, tornando-se o espaço privilegiado para a discussão dos problemas e rumos da sociedade, bem como se tornar um canal de informação, de ideologia e de transmissão de valores (SOUZA, 2009 p.12).

Além disso, ao analisar a imprensa escrita, torna-se necessário estar atentos e perceber as situações concretas que remetem às especificidades reveladoras de sua ideologia e de seus contatos com o poder.

Sosa (2006) ressalta que as ideologias perpassam todas as páginas de qualquer jornal ou revista. Não há como ignorá-las ou fugir delas. Contudo, as ideologias não interferem apenas na veiculação de notícias jornalísticas, já que integram todo processo de produção e divulgação de ideias, em todos os tempos e lugares. A autora destaca que o estranho seria, justamente, se os jornais ou revistas (sejam eles militantes ou não) fossem isentos ou neutros. Tais veículos de informação acabam por espelhar múltiplas ideologias em confronto porque estão sempre a trazer conflitos existentes naquele meio social específicos onde eles são produzidos.

Por isso, não podemos nos esquecer das imposições do poder. A imprensa escrita representa fundamentalmente um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social.

Muitas vezes as funções desempenhadas por um jornal, atuando como força dirigente ou orientadora, pode se equiparar ou mesmo, ultrapassar as funções

desempenhadas pelos partidos políticos, uma vez que seu corpo editorial pode fazer parte de determinado partido político, ou ter uma preferência política (CAPELATO, 1980 pag.176).

Por exemplo, o papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários, como o Estado Novo e a ditadura militar, seja na condição difusor de propaganda política favorável ao regime ou espaço que abrigou formas sutis de contestação, resistência e mesmo projetos alternativos, tem encontrado eco nas preocupações contemporâneas, inspiradas na renovação da abordagem do político (LUCA, 2005, p.129).

Entretanto, é com relação à política, que as fontes impressas se destacam e ganham dinamismo, uma vez que os jornais são um suporte que mantém uma ligação direta com os poderes representativos, ao registrar e traduzir, diariamente, os acontecimentos e as mudanças ocorridas no cenário político. Nessa perspectiva, os periódicos militantes (independente de sua vertente ideológica), ganham destaque enquanto fonte histórica.

### **A Imprensa Militante Como Fonte Histórica**

Os periódicos militantes são uma das fontes mais utilizadas como objeto de pesquisa pelos historiadores do tempo presente. Entretanto, enquanto as discussões teóricas avançaram significativamente e contribuem para uma maior interpretação dos fatos históricos por meio dos jornais, pouco se tem progredido nos debates metodológicos para o uso destas fontes.

Considerando que a imprensa militante se posiciona ideologicamente, omite, inverte, reverte, manipula, destaca e oculta os fatos e posições conforme seus interesses, torna-se necessário que o

pesquisador tenha uma postura crítica frente ao documento analisado.

Nessa perspectiva, o historiador deve fazer os questionamentos às fontes em estudadas para extrair um significado, retirando de sua linguagem os elementos capazes de representar um determinado momento histórico. O discurso jornalístico encontra algumas formas mais sutis de se apresentar ao público leitor. O jornalista, ao expressar suas opiniões, está canalizando os anseios da sociedade e o contexto da sua época (SOSA, 2006, p. 113). Ao abordar essas problemáticas, o historiador Carlos Henrique Ferreira Leite destaca:

Estes fatores, não anulam ou reduzem a importância dos periódicos como fontes para o conhecimento das sociedades do passado, mas que expõem seus limites e problemas, exigindo procedimentos teóricos e metodológicos aprofundados para uma análise qualitativa e quantitativa (LEITE, 2015 pag.13)

Além disso, é preciso nos atentarmos para apresentação das notícias por parte da imprensa escrita, uma vez que elas não são uma mera repetição de ocorrências e registros, mas ao contrário, denotam as atitudes próprias de cada veículo de informação segundo seu próprio “filtro” (ZICMAN, 1985 pag.3). Assim, torna-se necessário compreender a rede complexa que está presente por trás de um jornal, de uma revista ou de um periódico<sup>1</sup>.

A imprensa escrita tem uma escrita própria (a escrita dos artigos, manchetes, títulos, etc). Destacamos três elementos principais: a expressão escrita

(textos e manchetes); a expressão icônica (fotos charges, desenhos, figuras); e a composição do jornal (distribuição dos artigos e colunas pelas páginas do periódico). Ademais, outros três campos devem ser mencionados: o “atrás”, “dentro” e “em frente” do periódico.

O “atrás” do jornal é tudo aquilo que contribui à sua realização e intervém no seu controle: sociedade proprietária, empresa editora e corpo de redatores e jornalistas. Por “dentro” do jornal entende-se as características formais da publicação, o estilo de apresentação das matérias e notícias, o quadro redacional (distribuição dos artigos pelas várias colunas e seções do jornal), a publicidade, a parte redacional (principais colunas e seções) e as principais tendências da publicação ou ainda seu público-leitor alvo. Finalmente, o “em frente” do jornal diz respeito à audiência da publicação ou ainda seu público-leitor alvo.

Para simplificar essas discussões, Zicman (1985) sistematizou os principais aspectos que é preciso levar em conta ao analisar a imprensa escrita. Em função dos objetivos e das hipóteses de cada análise, feita por cada pesquisador de acordo com o seu objeto de estudo, poderá se enfatizar alguns aspectos em detrimento de outros. Quatro grandes eixos englobam a caracterização da imprensa escrita:

a) Aspectos formais e materiais do jornal ou da revista

- Qualidade do papel
- Formato
- Número de páginas
- Tipografia: tamanho, tipo de impressão, etc
- Ilustrações: fotos, desenhos, caricaturas, gráficos, etc
- Primeira página: a “vitrine” do

---

<sup>1</sup> A metodologia que apresentamos foi obtida a partir dos dados sistematizados no artigo

“História através da imprensa – algumas considerações metodológicas” da professora Renée Barata Zicman.

- jornal ou da revista
  - Composição: organização e distribuição das colunas e seções, disposição dos textos, títulos e ilustrações no interior das páginas do jornal ou da revista
  - Nome: elemento de reconhecimento e de identificação do jornal
  - Sistema de títulos: títulos, subtítulos e inter-títulos das matérias e artigos (denotam geralmente o “sentido” escolhido pelo jornal)
- b) Aspectos históricos do jornal ou da revista:
- Origem do jornal ou revista: local de publicação data de fundação, membros fundadores; contrato social da empresa
  - Proprietários e diretores do jornal ou revista: nas diferentes fases, vínculos político-ideológicos; obras e escritos principais
  - Proposta do jornal ou revista: análise de números especiais – primeiros números, número de mudança de direção, números comemorativos de aniversário
  - Corpo de redação do jornal: editorialistas e articulistas, tipos de vínculos com a empresa jornalística
  - Principais campanhas encampadas pelo jornal: especialmente durante o período estudado
- c) Aspectos econômicos do jornal ou revista
- Financiamento: controle acionário da empresa, exercícios financeiros, doações, assinaturas avulsas e vendas avulsas, anúncios publicitários
  - Tiragem: um dos elementos mais interessantes e que permite apreciar a importância relativa de cada jornal
  - Publicidade: fornece também indicações sobre o tipo de público leitor e sobre o clima econômico do período estudado
  - Difusão: sistema de vendas e distribuição (implica também no comportamento de compra)

- Preço: estabelecer relações com custo-vida, salário-médio e número de páginas do jornal.

d) Aspectos da clientela do jornal: o público-leitor alvo

- Destinatários “explícitos”, seção de “carta ao leitor”, anúncios publicitários, doadores ocasionais.
- Idade, sexo, situação profissional, classe social e região geográfica.

Portanto, os Jornais e revistas são recheados de textos com diferentes focos e interesses e são organizados em cadernos ou seções para melhor compreensão do leitor. De modo geral, encontramos os seguintes cadernos ou seções: entretenimento, cultura, informações, informações gerais do município, economia, notícias policiais, editoriais, política, esporte e classificados. Assim, os periódicos militantes se dirigem a um tipo determinado de público quanto à sua posição social, política e econômica e possuem uma posição político-ideológica. Em outras palavras, a imprensa escrita é uma fonte muito rica em informações, motivada por diversas opiniões, atitudes e tendências, tentando envolver os diferentes gêneros de diferentes idades e interesses.

Diante do exposto, nos dois tópicos a seguir, abordaremos como essa metodologia foi norteadora pelo jornal fascista britânico *Black Shirt* e pelo periódico anarquista *A Lanterna*.

### **Jornal Blackshirt (1933-1939)**

Na década de 1930, o principal canal de comunicação dos fascistas (além do corpo-a-corpo) era o jornal (ATHAIDES, pag.1 2013). Isso não foi diferente no fascismo britânico. Fundado em 1933 por Oswald Mosley, o jornal *Blackshirt* (1933-1939) foi o principal periódico fascista dentro do mundo anglo-saxão (Inglaterra, Austrália, Estados Unidos, África do Sul, Nova Zelândia e

Canadá).

Sem nenhuma dúvida, o jornal *Blackshirt* foi o principal instrumento político para a difusão da propaganda fascista na Grã-Bretanha. Nos anos iniciais, o periódico era redigido semanalmente, porém a partir de julho de 1937 tornou-se mensal. Com relação as publicações do jornal, é preciso dizer que seu conteúdo era bastante diversificado. Além dos textos doutrinários, havia crônicas, notícias, fotografias, artigos de opinião, charges e sessões dedicadas as artes, música, literatura, religião, política (nacional e internacional), economia, esportes, teatro, cinemas, entre outros.

Em uma análise geral, o jornal *Blackshirt*, se preocupou em demonstrar aos seus leitores a defesa de um Estado original, patriótico, antissemita, monarquista e imperialista. Economicamente segundo o periódico, o Estado seria autárquico e corporativista, e visava a reestruturação da economia através de distintas empresas, as quais empregadores, trabalhadores e grupos de consumidores indicados pelo governo seriam igualmente representados. Nesse sentido, as empresas deveriam trabalhar na harmonia com um Parlamento Fascista e uma Corporação Nacional da Indústria, um órgão central que planejaria e regularia a atividade econômica nacional.

A ênfase das notícias com maior frequência referia-se as atividades e os eventos da BUF. Porém, os seus noticiários focavam também os movimentos fascistas internacionais, com destaque para o fascismo italiano e o nazismo alemão, que possuíam pontos em comum no que se refere aos elementos ideológicos e organizacionais.

Muitas matérias elogiosas ao III Reich, ao nazismo e à Hitler eram tecidas pelo *Blackshirt* de edição de fevereiro de 1933, logo após a ascensão dos nazistas ao poder na Alemanha. Assim, notícias

redigidas por Mosley e fotos de Hitler ocupando grande destaque dentro destas edições diziam, por exemplo, que:

Hitler, o novo homem da Alemanha...Estas palavras refletem o espírito que pode salvar a Alemanha. Estas palavras devem ser compreendidas como a vitória do fascismo! Eles ensinam mais do que toda a triste coluna de maldosos abusos que a imprensa inglesa cuspiu em Hitler e no movimento nazista. Nessas poucas frases são descritos o espírito e a força que levaram a Alemanha da lama e a colocou no caminho para se tornar uma grande nação de novo. É um espírito de luta, de sacrifício, de crença, se quiser, de fanatismo. Esta é a força que conquistou cada volta e torção do mundo antigo na Alemanha. Esta é a força que hoje está bloqueada em um controle da morte com o comunismo para salvar a alma de uma grande nação (*BLACKSHIRT*, Hitler, o novo homem da Alemanha. *Blackshirt*, março de 1933 pag.2).

Com relação ao fascismo italiano, o periódico apresenta esse fenômeno como uma passibilidade de paz mundial. Nessa perspectiva, Benito Mussolini é apresentado por Mosley como pacificador:

O fascismo representa a paz porque o fascismo representa a realidade. Todo realista sabe que outra guerra europeia amparará a civilização ocidental com a destruição. Todo fascista entende que tal luta dará ao comunismo e às forças universais e à oportunidade que há muito aguardaram. Deixe-

nos, por todos os meios, derrubar os baldes do sentimento doentio que tem muitas dificuldades na causa da paz na última década. A guerra do ninho não será evitada pelo agravamento e o agravamento, oh, aqueles que até agora só tiveram sucesso em evitar pessoalmente a última guerra. A guerra mundial será evitada pelo realismo e determinação de homens que sabem o que a guerra significa e estão preparados, não apenas para conversar, mas para se organizar contra a recorrência desse desastre (BLACKSHIRT, Mussolini, o pacificador. Blackshirt, Abril de 1933 pag.1).

O periódico também publicou regularmente artigos detalhando o papel das mulheres dos homens ligados a BUF: cuidar do lar e do esposo militante. Além disso, a comunidade judaica era um inimigo a ser combatido, assim como os comunistas.

O Blackshirt vendeu regularmente cerca de 15.000 a 20.000 cópias por mês cada, o que é um número significativo considerando que a associação da União Britânica de Fascistas fluía entre 20.000 e 50.000 pessoas. No entanto, isso não era uma grande quantidade quando comparado a outros jornais nacionais.

### **Jornal a Lanterna (1910-1916)**

O jornal anarquista A Lanterna passou por diversas dificuldades em relação a sua produção, primeiramente, o fato de ser um jornal constituído basicamente por operários e imigrantes, já o diferenciava em várias escalas quando em comparação com os grandes jornais paulistas do início do século XX. Ao contrário de jornais como o Estado de S. Paulo, o qual contava com recursos

financeiros e distribuição à uma grande parcela da população, A Lanterna, devido ao fato de ser um jornal majoritariamente consumido e produzido pelos operários, contava com recursos econômicos limitados e um público relativamente rarefeito.

Os jornais são um elemento fundamental para a compreensão do movimento operário em São Paulo, sendo esses um dos principais veículos de comunicação do movimento com o trabalhador e de propaganda da ideologia anarquista.

A Lanterna se destacou por ser um dos principais veículos midiáticos de crítica clerical em São Paulo, o jornal, em quase todas suas edições dedica um grande espaço a tecer críticas à Igreja, apontando fatos como a hipocrisia dentro dos eclesiásticos, a aliança entre a Igreja e o Estado, união essa que caracteriza uma das principais críticas do anarquismo, o qual entende esses dois agentes sociais como elementos perpetuadores do capitalismo e da desigualdade social. Concomitantemente, o jornal também dedica uma boa parcela de espaço para a divulgação das conquistas e mobilizações do movimento operário dentro e fora de São Paulo, tal como na divulgação de textos e obras de pensadores anarquistas como Bakunin e Malatesta.

Como ressaltado anteriormente, os jornais operários são um elemento privilegiado para a difusão da ideologia anarquista, entretanto, devido à grande taxa de analfabetismo entre os trabalhadores, o jornal, nesse contexto, possui outra característica marcante, não somente constitui um veículo de comunicação entre o movimento operário com a sociedade, mas, também performa um papel didático de instrução e conscientização dos trabalhadores através da leitura dos jornais em reuniões sindicais ou dentro das próprias fábricas no qual os operários se localizavam.

A constante crítica do jornal ao capitalismo, Estado e a igreja foi uma característica definitiva e marcante do jornal, mas, concomitantemente, foi um dos principais motivos do jornal ter sofrido uma dura repressão e censura. A definição de Maria Helena Capelato (1988) acerca da “má” imprensa representa bem a posição de A Lanterna dentro do contexto histórico de sua produção.

Os jornais políticos, questionadores da ordem burguesa, sempre foram os mais visados. Essa “má” imprensa (anarquista, comunista, socialista, etc.) em raros momentos gozou de liberdade. A pesquisa desses periódicos é de extrema importância para o estudo dos movimentos sociais, mas há dificuldade de acesso a eles porque sempre viveram escondidos e perseguidos (CAPELATO, 1988, p. 30).

A promoção dos periódicos da posição de documentação subjetiva e duvidosa à uma fonte privilegiada para o estudo do movimento operário proporcionou uma nova abordagem para os periódicos, a reconstituição do movimento operário e sua representação através do jornal, tal como a análise das críticas as instituições e do projeto de sociedade, são elementos riquíssimos para a construção do conhecimento histórico.

### Considerações Finais

O início da utilização da imprensa escrita como fonte histórica, conforme foi apresentada ao longo do texto, é ainda recente. Foi na década de 1970 que começaram a escrever a História tendo os periódicos como fontes. Entretanto, é preciso entender que os impressos como fontes possuem uma série de problemas e possibilidades. Nesse sentido, destacamos como essas questões são percebidas através da análise do jornal

fascista britânico *Black Shirt* (1933-1939) e do periódico anarquista paulista *A Lanterna* (1910-1916).

Portanto, a importância da imprensa periódica na historiografia contemporânea torna-se cada vez mais evidente, a relação estreita entre História e Imprensa nas últimas décadas, tem contribuído de forma significativa para o conhecimento histórico das sociedades do passado, o que levou os historiadores a renovar seus olhares e readaptarem seus posicionamentos e métodos frente a fonte jornalística.

### Referências

- CAPELATO, H. Maria. **A Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP. 1988.
- CAPELATO, H. Maria; PRADO, L. Maria. **O Bravo Matutino: Imprensa e ideologia: O jornal O Estado de S. Paulo**. São Paulo: Editora Alfa - Omega, 1980.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **O jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., Natal, 2002. Anais... Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br>>. Acesso em: Setembro-2017.
- FERREIRA, Raquel França dos Santos. **Ensino de História com o uso de jornais: construindo olhares investigativos**. Revista Travessias, vol. 5, nº 1: 531-560, 2011.
- GOMES, Angela Maria de Castro. **Notas sobre uma experiência de trabalho com fontes: arquivos privados e jornais**. Revista Brasileira de História. São Paulo, 1, 2: 259-283, set. 1981.
- LUCA, Tânia Regina. **A história dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: 2005.
- PAVANI, Cecília. JUNQUER, Ângela. CORTEZ, Elizena. **Jornal: uma abertura para a educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
- SOSA, Derocina Alves Campos. **Imprensa e História**. Revista Biblos, vol. 19: 109-125, 2006.
- SOUZA, Eliezer Felix. **A imprensa como fonte**

**para pesquisa em história e educação.** In Anais eletrônicos do VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas. (Campinas/SP, 2009). Disponível em [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario8/trabalhos.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/trabalhos.html) Acesso em: Setembro-2017.

ZICMAN, René Barata. **História Através da Imprensa - Algumas Considerações Metodológicas.** In: Revista História e Historiografia n° 4. São Paulo: EDUC, Jun, 1985.

## **Fontes**

A LANTERNA: FOLHA ANTICLERICAL DE COMBATE. São Paulo: 1909-1916. Disponível em <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/lanterna/366153>.

BLACKSHIRT. Londres: 1933 – 1939.